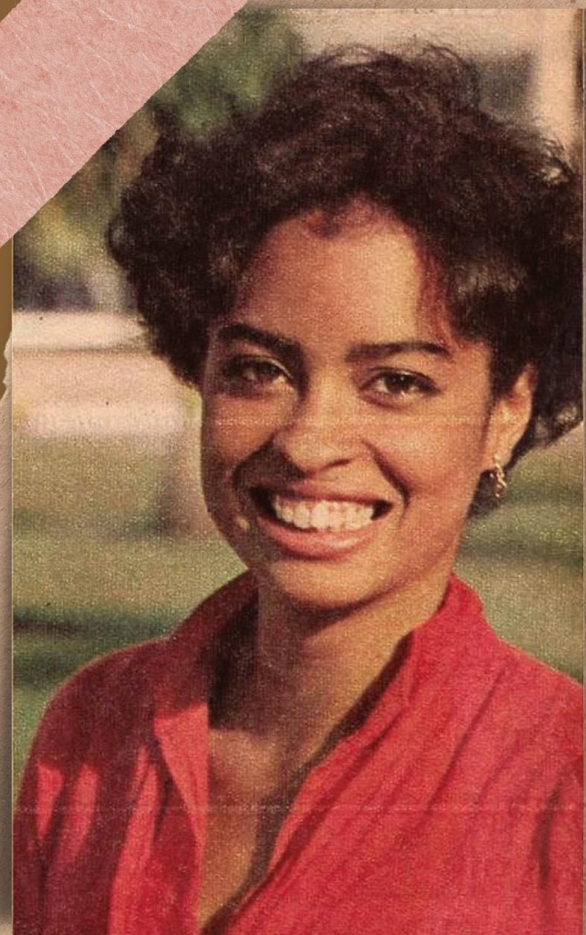




Biblioteca Feminista Mônica de Menezes Campos

Acervo de Bibliografia Feminista
de Relações Internacionais





MINVIELLE, Nicole Xavier da Cunha. Feminismo pós-colonial nas Relações Internacionais: Intersecções e Diálogos Teóricos para refletir sobre Gênero, Refúgio e violência no Sul Global. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.8. n.15.

Keila Alves dos Santos

Credenciais da autora

Nicole Xavier da Cunha é mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais pela UnB e faz parte do Centro de Estudos de Gênero e Relações Internacionais, o CEGRI. É graduada em Relações Internacionais e sua linha de pesquisa está relacionada com Gênero e Política Internacional, com foco principalmente em Refúgio e Feminismo no Oriente Médio. Trabalhou no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e entre suas obras estão: "(Desimpedidas, no jogo Irã x Marrocos, a vitória é feminina! Os protestos e os movimentos das mulheres pelo direito de frequentar eventos esportivos no Irã invadem a Copa do Mundo na Rússia, em 2018.

Resumo e informações principais do texto

O objetivo do estudo é propor uma reflexão sobre como o Feminismo Pós-Colonial, permite a discussão de temas que estão inseridos nas Relações Internacionais. A hipótese usada pela autora é a de que a intersecção das categorias de raça, gênero e de classe, abordadas pelo Feminismo Pós-Colonial, possibilita a compreensão de temas importantes e que estão presentes na agenda internacional. A exemplo estão o gênero, a violência e o refúgio, e como eles se relacionam entre si.

A obra é dividida em três seções, sendo que a primeira delas está focada na discussão do Feminismo Pós-Colonial dentro das Relações Internacionais. Por conseguinte, a segunda parte é dedicada à temática de construção da imagem da pessoa refugiada a partir do Sul Global.

Por fim, a última seção trabalha a questão da violência de gênero contra mulheres em contextos de refúgio.

Inicialmente, como colocado por (Minvielle, pg. 251) na primeira seção do artigo, as primeiras abordagens feministas no estudo das Relações Internacionais tiveram o objetivo de frisar que o sistema internacional é de fato marcado por uma visão masculinizada e ocidental, oriunda da elite. Segundo a autora, a teoria pós-colonial também trouxe a preocupação de questionar o pensamento científico social da modernidade, assim como as disciplinas nas quais as R.I é dividida. Consequentemente, foram trazidas as categorias de raça e classe para a principal discussão sobre a história e política terem narrativas restritas à perspectiva do Norte Global, limitando assim, a compreensão sobre as Relações Internacionais.

Na segunda seção, é colocado em pauta como o Feminismo e o Pós-Colonialismo compartilham uma visão crítica das Relações Internacionais ao se aterem à causa dos indivíduos marginalizados socialmente. Portanto, é traçado um paralelo no qual as duas abordagens teóricas tendem a se posicionar pelo mesmo propósito, que é criticar abordagens mais tradicionais e incluir a representação daqueles que se encontram num estado de marginalização.

Outrossim, a primeira contribuição do Feminismo Pós-Colonial é compreender as intersecções existentes entre as categorias de gênero, classe e raça. A intersecção é compreendida como identidades que se encontram e moldam experiências de sujeitos, que precisam ser pensadas em conjunto. Ademais, o gênero, juntamente com as categorias de classe e raça, é visto como um antigo e contínuo instrumento de dominação social, como também, universal. Dessa forma, essa abordagem feminista busca refutar que as relações de desigualdade existentes entre os homens e as mulheres sejam naturais, identificando papéis que foram construídos socialmente e impostos durante toda a história. Com isso, o colonialismo e o patriarcado possuem pontos que permitem a compreensão da vivência feminina no Sul Global, não sendo, contudo, sistemas excludentes. (Minvielle, pg. 257).

Portanto, é muito importante entender, seguindo a abordagem interseccional, que as mulheres experimentam desigualdades baseadas no gênero, mas que os níveis, assim como os impactos e consequências das violências são diferentes. O Feminismo Pós-Colonial enfatiza a preocupação sobre como as mulheres são representadas localmente, com questões como quem fala, ouve, e por quais razões. Seguindo essa linha de pensamento, a abordagem feminista retratada pelo estudo preocupa com a construção de espaços que representem, sobretudo, resistência e que sigam combatendo narrativas hegemônicas.

Quando a temática do Refúgio a partir da experiência do Sul Global é abordada, é pautado que o estudo do refúgio a partir de uma perspectiva de gênero significa entender como os papéis de gênero foram construídos numa fase de pré-conflito e dessa forma, impactam as experiências de mulheres que vivem de fato num ambiente de refúgio. Contudo, outros elementos são importantes para a compreensão dessas realidades, tais como a vulnerabilidade econômica, a construção da imagem de vítima, situações de dependência para com organizações ocidentais e a posição marginalizada ocupada dentro de aspectos como a economia, e no espaço do Sul Global.

Na última seção são destacadas três importantes dimensões para o pensar feminista pós-colonial na temática do refúgio. São elas: a insuficiência do conceito da violência de gênero no âmbito do refúgio, as identidades que formam as inseguranças femininas nesse contexto e a construção da imagem da mulher refugiada. As políticas internacionais e as práticas sobre refúgio são construídas por um lado do globo, o que por consequência, acaba não contemplando todas as complexidades que existem nas relações e identidades. Segundo (Minvielle, pg. 269), ao analisar os instrumentos utilizados internacionalmente, foi possível identificar as limitações que o conceito de refúgio carrega. A autora conclui que é necessário reconhecer os mais diversos motivos pelos quais as pessoas se deslocam, como em casos decorrentes de processos internacionais de descolonização e globalização.

Tabela de citações

CITAÇÃO DIRETA	LOCALIZAÇÃO DA PÁGINA
O feminismo pós-colonial interroga premissas do pós-colonialismo e do feminismo, suplementando-as com suas próprias preocupações, perspectivas particulares e trazendo fôlego para trazer novos elementos e interpretações sobre o debate do refúgio e suas políticas internacionais.	Página 270.
Se uma disciplina que se diz internacional,	Página 270-271.

de relevância a todos os povos e à todas as regiões, na verdade fala a partir e para um número limitado de pessoas – homens, ricos, brancos e ocidentais –, e não consegue dialogar em nome de outras sociedades, como diria Jones (2006), é necessário abrir novas pontes, caminhos e diálogos que sejam capazes de repensar o local e o global a partir das margens.

A violência se revela multidimensional. A violência é de gênero, pois as mulheres sofrem mais para conseguirem se integrar na sociedade por meio de oportunidades educacionais e laborais e por estarem vulneráveis a violências no âmbito da casa, nos lugares públicos e na ajuda humanitária.

Página 270.

Comentários

O trabalho aborda a temática do Feminismo Pós-Colonial de uma forma ampla, esclarecedora e muito abrangente. A forma como cada seção abordou a evolução do movimento e contemplou discussões importantes para a população marginalizada, assim como pautou a relevância de uma perspectiva do Sul Global dentro das Relações Internacionais, frisa o quanto ainda é essencial que esse objetivo seja alcançado pelo feminismo. Ademais, o estudo é muito crítico quanto a atuação da política internacional dentro da causa do refúgio e apresenta diversos pontos de vista que permitem uma maior compreensão da gravidade do problema acerca do deslocamento forçado e da violência de gênero presente nesse complexo processo.

QUEM ESCREVEU?



Keila Alves

Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Atuou como voluntária de na comissão de Estudos e Pesquisa do NEFRI, focando suas pesquisas no Oriente. Foi Analista de Mídias sociais do Observatório Feminista de Relações Internacionais (OFRI) e atualmente trabalha com a comunicação do MaRIas, grupo de estudos e pesquisa de gênero da USP.

